

O Deus trinitário está presente antes da chegada do missionário

Walter Sass

Resumo: O texto é resultado de uma reflexão sobre o diálogo inter-religioso a partir de uma convivência de muito anos com os povos indígenas Deni e Kulina no Amazonas. Os dois povos preservam a sua própria religião com mitos da criação do mundo contados e ritualizados nos cantos e danças, apesar da presença de missionários cristãos. Um diálogo inter-religioso tem que levar a sério o Deus trinitário presente antes da chegada dos missionários. Uma palavra-chave é João 8.58: “Antes que Abraão fosse, Eu sou”. Três formas de diálogo inter-religioso – o exclusivismo, o inclusivismo e o pluralismo – não satisfazem plenamente, considerando o respeito pelo outro e a própria fé. O exclusivismo é impositivo, negando a verdade do outro, o inclusivismo é seletivo, vendo só algumas verdades no outro, e o pluralismo é indiferente, sem critérios para as verdades e inverdades de cada religião, inclusive o cristianismo. A mensagem de um Jesus universal preexistente tem a função hermenêutica de afirmar a cada religião a sua própria verdade, considerando a ambivalência de cada religião e sua abertura para experiências transculturais, livrando-nos de um absolutismo trivialmente entendido que se fecha frente a uma solidariedade universal da humanidade e a um respeito pelo outro.

Resumen: El texto es el resultado de una reflexión sobre el diálogo inter-religioso a partir de una convivencia de muchos años con los pueblos indígenas Deni y Kulina en Amazonas. Los dos pueblos preservan su propia religión con mitos de la creación del mundo contados e ritualizados en los cantos y danzas, a pesar de la presencia de misionarios cristianos. Un diálogo interreligioso tiene que llevar a serio el Dios trinitario presente antes de la llegada de los misionarios. Una palabra llave es Juan 8.58: “Antes que Abraham fuese, yo soy”. Tres formas de diálogo inter-religioso — el exclusivismo, el inclusivismo y el pluralismo — no satisfacen plenamente, considerando el respeto por el otro y la propia fe. El exclusivismo es impositivo, negando la verdad del otro, el inclusivismo es selectivo, viendo sólo algunas verdades en el otro, y el pluralismo es indiferente, sin criterios para las verdades e inverdades de cada religión, inclusive el cristianismo. El mensaje de un Jesús universal preexistente tiene la función hermenéutica de afirmar a cada religión a su propia verdad, considerando la ambivalencia de cada religión y su apertura para experiencias transculturales, librándonos de un absolutismo trivialmente entendido que se cierra frente a una solidaridad universal de la humanidad y a un respeto por el otro.

A Trindade mesma é o “cânone último” para o diálogo com o outro e para o diálogo de culturas. Uma cultura “cristã” é uma cultura das relações trinitárias, abertas, que muito latino-americanamente se poderia dizer “cultura de comunhão e participação”. Todo gesto cultural que porta comunhão e participação, relação ao outro, responsabilidade, é cultura evangélica. (Luís Carlos Susin²).

Ao longo dos anos nos quais tenho convivido com povos e com lideranças indígenas, várias pessoas na Alemanha e no Brasil me perguntaram e eu mesmo me perguntei: “Você, como pastor luterano, como vive a sua fé cristã? Como você entende a missão da Igreja no seu trabalho entre os indígenas?” Tanto os Kulina como os Deni me perguntaram, quando souberam que sou pastor, se podia batizar as crianças. Dei uma resposta negativa: “A minha Igreja não existe em Carauari. Não é bom dividir um povo com muitas religiões diferentes. Deus (Sinukari, Tamaku e Kira) está presente entre os Deni desde o início do mundo. Ele é o mesmo Deus das igrejas cristãs.”

² Luís Carlos SUSIN, *Revelação e condicionamento cultural*, in: Paulo SUESS (Org.), *Culturas e evangelização*, São Paulo: Loyola, 1991, p. 188.

Os Deni me contaram que muitos já tinham sido batizados durante viagens rápidas de religiosos ou durante visitas dos indígenas às cidades de Itamarati e Carauari. O primeiro religioso que passou nas aldeias Deni foi um pastor estrangeiro, que trouxe, além do batismo de adultos, muita roupa. Depois chegaram os padres e um pastor adventista. Eu sempre coloco no diálogo com os Deni: “Vocês têm Tamaku e Kira. Tamaku e Kira foram criados por Sinukari. Sinukari é o mesmo Deus dos cristãos.” Depois de uma viagem fluvial difícil, mas bem-sucedida, falo, às vezes, sem pensar: “Graças a Deus, Graças a Sinukari, Graças a Tamaku e Kira!” *Só pode haver um único criador do mundo.*

Os Deni contam que os irmãos Tamaku e Kira, os únicos sobreviventes de um dilúvio, criaram os seres humanos, bichos e plantas. No povo Deni os mitos estão bem vivos. Mitos do surgimento do dia e da noite, do início do mundo, do paraíso, do surgimento da água, do fogo, das pragas, das plantas com propriedades diferentes e muitos outros mitos. Um dia Tunavi Deni se sentou ao lado da minha rede e contou a história do primeiro pajé mitológico, Kapihava, que foi atrás de água. Não existia água na terra. Depois de uma longa caminhada em direção ao sol, encontrou um sapo grande, turatura, que pediu ao pajé que ele o matasse para obter água. Ao matar o sapo, surgiram os primeiros rios, o Cuniuá, o Xeruã, o Purus, o Juruá, o Solimões, o Negro e os outros rios.

Tunavi Deni contou a história de uma maneira surpreendente. Às vezes ele falava de Kapihava, outras vezes substituía a nome de Kapihava pelo nome de Jesus. Eu me lembrava de textos da Bíblia que falam do Deus trinitário já presente no meio deste mundo antes que o missionário tivesse chegado. Na parábola de Jesus a respeito do Juízo Final (Mt 25.31-46) consta que Jesus está presente nos famintos, sedentos, estrangeiros, doentes, nus e presos sem que eles ou os solidários com eles o reconheçam. Podemos concluir que, na visão da fé cristã, pode-se considerar que o relacionamento entre os homens é um relacionamento repleto do Espírito Santo, como também todos os sinais de solidariedade desinteressada, toda comunhão, surgida de amor entre pessoas humanas que não fica restrita a si mesma, sem o conhecimento prévio de Cristo. Um canto do hinário do Sínodo da Amazônia o expressa assim: “Entre nós está e não o conhecemos”. Para aqueles que socorriam os necessitados Jesus fala na parábola: “Recebei em herança o Reino que foi preparado para vós desde a fundação do mundo” (Mt 25.34).

Uma outra palavra-chave para um diálogo inter-religioso me cativa cada vez mais: “Jesus lhes respondeu: Em verdade, em verdade, eu vos digo, *antes que Abraão fosse, Eu sou*” (Jo 8.58). Essa palavra provocou a sentença de morte: “Eles colheram pedras para atirá-las contra ele” (Jo 8.58). A epístola aos Hebreus fala: “Depois de ter por muitas vezes e muitos modos falado, Deus falou-nos a nós num Filho. Por quem, outrossim, criou os mundos” (Hb 1.1+2). A Epístola aos Colossenses fala de Cristo, dizendo que “*nele tudo foi criado*, nos céus e na terra, tanto os seres visíveis como os invisíveis” (Cl 1.16). O prólogo do Evangelho segundo João, capítulo 1, fala do Verbo no início do mundo, que através dele tudo foi feito, e que se fez carne.

Foi emocionante a colocação do representante da UNI-AC, o indígena Carlos, durante a avaliação participativa do COMIN em Porto Alegre, falando para nós luteranos: “Nós também somos filhos de Deus!” O Deus trinitário já estava presente no meio dos povos indígenas antes que qualquer missionário chegasse a eles. Depois da convivência nas aldeias indígenas, comecei a ler trechos da Bíblia com outros olhos. Nas comunidades luteranas testemunhei: “Os povos indígenas, muitas vezes, me evangelizaram, vendo, por exemplo, a sua vida comunitária, compartilhando sua despreocupação com o acúmulo de bens e a visão diferenciada da relação entre o homem e a natureza.” “Se o discurso do mundo ocidental se sustenta na relação de ‘posse’, ‘conquista’, e ‘domínio’, isto é, numa relação onde a concepção de natureza passa a ser mero objeto para o homem, vimos [...] que nas sociedades indígenas as diferentes partes

que compõem o universo se interpenetram.”³ O antropólogo Eduardo Viveiros Castro desafia a nós que hesitamos em entrar num diálogo inter-religioso, tendo em vista a desastrosa história dos 500 anos de missão cristã entre os povos indígenas na Ameríndia. A cruz e a espada andaram juntas. Não houve um diálogo, mas uma imposição de valores de um outro mundo, destruição e diabolização da religião indígena. Não houve diálogo, não houve uma Boa Nova da Vida, mas a mensagem da morte. Eduardo Viveiros Castro coloca que os indígenas precisam conhecer a nossa cultura e religião para aprender a se defender:

A gente vive querendo saber em que eles acreditam, por que eles não podem saber em que a gente acredita? A gente tem apenas que ter uma relação com eles... de uma certa humildade, perceber que a gente não é tão todo-poderoso, que a nossa religião nem é a panacéia para os índios, nem um veneno mortal, um agrotóxico que bastou pulverizar e cai todo o mundo duro no chão... Eles têm que ter uma noção do nosso acervo cultural, eles têm que saber controlar.⁴

Qual é a minha motivação para conviver, para ficar ao lado dos povos indígenas? A motivação é o primeiro missionário, o Deus trinitário, criador do mundo e de todos os povos (Pai), o Verbo Libertador, que se tornou homem para ficar perto da realidade dos últimos cantos do mundo (Filho), e o comunicador, intérprete, tradutor, exegeta, a fantasia de Deus (Espírito Santo), que quer uma humanidade sem muros e fronteiras com um espírito derramado sobre toda a carne (Jl 3.1). Desde o início do mundo há um diálogo entre Pai, Filho e Espírito Santo. O mundo é levado para dentro desse diálogo através do Filho Jesus Cristo, o Verbo de Deus que se fez carne. O Pai manda o Filho, que manda o Espírito Santo, numa relação dinâmica desde o início do mundo, um diálogo para dentro e para fora.

Jesus envia seus discípulos para a *Galiléia* (Mt 28.7-20). Os discípulos têm a tarefa de ir para a Galiléia, e não ficar em Jerusalém. Jesus lembra os discípulos duas vezes dessa tarefa. Indo para a Galiléia eles vão encontrar o Jesus ressuscitado. A Galiléia é o lugar da corrupção, da mentira, da violência, do racismo, do contrabando e do desrespeito do diferente. A questão indígena é uma das Galiléias mais candentes hoje em dia. Nenhuma comunidade que não vai para a Galiléia e nenhuma Galiléia que não experimenta a presença de uma comunidade cristã! É importante ler não só Mt 28.19, mas também Mt 28.7 e Mt 28.10. Na parábola de Jesus a respeito de um banquete nupcial, o dono da festa manda “ir para as saídas dos caminhos” (Mt 22.9), um convite para todos que estão na margem da vida: pobres, aleijados, cegos e coxos. É um convite para um banquete de vida (casamento!), de alegria. Essa parábola não fala de uma conversão forçada, violenta para um funeral, mas de um convite enfático, insistente, para a festa da vida. Os missionários na Ameríndia interpretaram a parábola de acordo com as suas práticas violentas, fazendo uso indevido de Lc 14.23. Não houve diálogo entre a Igreja e os povos indígenas. Não nasceu uma igreja indígena.

O primeiro passo de um diálogo verdadeiro é ouvir, ouvir e mais uma vez ouvir as vozes dos diferentes povos indígenas, entender suas cosmovisões, seu relacionamento com os espíritos, com as suas sociedades, e ficar solidário com as suas lutas pela dignidade humana, pela autonomia e por seu espaço de vida. Isto significa deixar de lado as nossas projeções em cima do índio, tanto idealistas como negativas, e relativizar a nossa própria cultura (Fp 2.5-11). O apóstolo Paulo fala que “vemos em espelho confuso” (1 Co 13.12a).

³ Isabelle Vidal GIANNINI, Os índios e suas relações com a natureza, in: Luís Donisete Benzi GRUPIONI (Org.), *Índios no Brasil*, São Paulo: Global, 1998, p. 152.

⁴ Eduardo Viveiros CASTRO, *O papel da religião no sistema social dos povos indígenas*, Cuiabá: GTME, 1999, p. 32-33.

O diálogo verdadeiro “face a face” (1 Co 13.12b) é um presente de Deus. Jesus conseguiu livrar-se das projeções falsas e vivia o diálogo aberto com todos “face a face”.

Um segundo passo de um diálogo inter-religioso é admitir a ambivalência de todas as religiões (inclusive o cristianismo). Por um lado, todas as religiões articulam as perguntas e respostas da humanidade a respeito do sentido da vida, de onde viemos e para onde iremos. O desejo de uma vida plena, articulada de muitas maneiras e modos, que transcende o mundo real, passageiro, frágil e insatisfatório. Por outro lado, todas as religiões mostram também a ausência de Deus, as injustiças, os sofrimentos dos homens, a angústia da morte e a insatisfação com a falta de harmonia interior e exterior.

É necessário, também, ouvir as críticas modernas às religiões (ao cristianismo inclusive) que os enxergam como ilusões, meras projeções humanas. É verdade que com a nossa razão não podemos provar que Deus existe, mas também não podemos provar que Deus não existe. A própria Bíblia critica um certo conceito de religião. Caim mata o seu irmão Abel *enquanto pratica religião* (Gn 4,1-8). A religião pode se tornar fanática, violenta e mortífera. Os indígenas presenciavam essa face da religião na figura do colono, soldado e missionário cristão. Todas as religiões têm a ambivalência entre Caim e Abel. Os profetas, Jesus e o apóstolo Paulo denunciam a religião de justificação pelas obras.

Os Deni falam de um dilúvio que destruiu o mundo. Os primeiros homens não confiaram no poder do criador supremo, Sinukari. Essa desconfiança trouxe o dilúvio e mais tarde as pragas, feras e uma vida mais dura.

Deus se manifesta em todas as religiões? Para responder a essa pergunta temos que ter em mente o pensamento de Anselmo de Canterbury: Deus é “*aliquid quo nihil maius cogitari possit*” [Deus é aquilo em relação ao qual não é possível pensar nada maior]. Deus não é um elemento, uma fração do mundo. O mundo, sim, tem vestígios de Deus, que podem ser reconhecidos, pois o mundo é criado. Todas as religiões têm os seus mitos da criação do mundo, da origem do mundo. Mas Deus é Deus e o mundo não é Deus, e sim *a criação* de Deus. Segundo a fé cristã, o Deus trinitário preexistente em todas as culturas, religiões e histórias humanas se revela no Verbo, na Palavra de Deus, em Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro homem. Com essa Palavra de Deus os mistérios e adivinhações sobre ele têm um fim. A Palavra confirma que o Deus trinitário, preexistente, leva o mundo para dentro de si no seu diálogo. Mas a Deus, segundo a mensagem cristã, encontramos “somente na fé” ou, em outras palavras, “repleto do Espírito Santo”. O conteúdo da mensagem cristã não pode ser constatado e objetivado fora da fé. “A fé vem do ouvir, o ouvir vem da palavra de Cristo” (Rm 10,17).

O exclusivismo, o inclusivismo e o pluralismo na teologia das religiões não satisfazem plenamente, considerando o respeito pelo outro e a própria fé no diálogo inter-religioso.

1. O *exclusivismo* enxerga o cristianismo como a religião absoluta, com a verdade absoluta. Só através de Cristo e de uma conversão radical se alcança a salvação. As antigas missões dos jesuítas e as missões evangélicas fundamentalistas são exemplos do exclusivismo. Não se via e se vê nada de positivo na religião indígena, mas ídolos humanos adorados como deuses, uma vida na escuridão, possessa por Satanás e superstições. O mundo de hoje deve estar suficientemente sensibilizado pelos direitos humanos, ideais igualitários e democráticos, que são inspirados em boa parte pela tradição judaico-cristã, contra tal intolerância e totalitarismo. Um jovem casal de missionários das Novas Tribos na aldeia Piau me disse esse ano que a visão exclusiva da sua missão mudou há alguns anos. Hoje missionários da Missão Novas Tribos vêm, também, Deus em algumas manifestações dos povos indígenas.

2. O *inclusivismo* da teologia das religiões quer superar o exclusivismo e vê “sementes da verdade cristã” nas outras religiões; por exemplo, são “sementes do Verbo” nas religiões indígenas a partilha, o senso comunitário, a relação dos índios com a natureza

e a negação de hierarquias e de líderes com poderes absolutos. Mas, apesar da superação do exclusivismo, esse conceito de “sementes da verdade cristã” nas outras religiões ainda considera o cristianismo superior às outras religiões. Esse conceito não enxerga a sociedade indígena e a sua religião como um sistema integral de uma cultura.

3. O *pluralismo* da teologia das religiões supera o exclusivismo e o inclusivismo. Todas as religiões são caminhos verdadeiros, todas elas têm a verdade, são manifestações de uma realidade transcendental, captada por óculos humanos no seu respectivo tempo e lugar. Os grandes líderes e fundadores das religiões são considerados pessoas extraordinárias, aptas a abrir-se para uma realidade transcendental e aptas a concretizar a vontade de Deus. Um representante da teologia pluralista das religiões, John Hick, conclui a respeito de Cristo: “It can no longer be an a priori dogma that Jesus is the supreme point of contact between God and mankind.”⁵ No diálogo inter-religioso, segundo essa teologia pluralista das religiões, existe uma perspectiva acima de todas as religiões. Temos que fazer as seguintes perguntas à teologia pluralista: qual é o ponto de partida para uma visão acima de todas as religiões? Através de que chego às conclusões? Através da razão humana? Que critérios tenho para distinguir verdades e não-verdades no diálogo? A confirmação indiferente da minha e das outras religiões num pluralismo qualquer, sem ficar atento às inverdades na minha religião e nas outras, além da verdade presente em todas elas, leva a uma tolerância barata na qual não se faz mais a pergunta pela verdade.

Devemos entrar sinceramente num diálogo inter-religioso verdadeiro com a essência da nossa própria fé, o Deus trinitário, que se manifesta na sua palavra, Cristo, no qual o mundo foi criado. Importante no diálogo é que Deus já estava presente antes da chegada do missionário cristão. *O “Não-Saber-de-Cristo” não é tão fundamental como o “Ser-em-Cristo”, que é uma pré-condição humana.*⁶ O Verbo de Deus foi dado para ser passado adiante. O Verbo pode ser passado adiante porque pode ser entendido através do Espírito que é anterior à chegada do missionário. Por isso, o diálogo inter-religioso com os povos indígenas não pode ser impositivo (exclusivismo), ou seletivo com um ar de superioridade (inclusivismo), ou indiferente (pluralismo). O diálogo mútuo seria descobrir a palavra universal de Deus, manifestado em Cristo, preexistente em todas as religiões, em todas as culturas, cada uma delas em sua integridade. O diálogo é possível porque nenhuma cultura (a religião faz parte da cultura) consegue se fechar totalmente para o seu próprio futuro. Em cada cultura existe uma abertura para experiências transculturais. Os povos indígenas mostraram e mostram ao longo da história a capacidade de ficarem abertos para o novo sem perderem a sua identidade.

Qual é a função hermenêutica peculiar da mensagem cristã (não do cristianismo!)? A mensagem cristã afirma, no diálogo com as outras religiões, a cada uma delas a sua própria verdade sem acréscimos e sua mensagem universal, sem querer intensificar ou diminuir a outra religião. A diferença entre as religiões não é um “mais” ou um “menos” na minha ou na outra religião, mas um “escondido” e um “descoberto”, de tirar um véu do rosto do mundo, também do rosto das religiões na sua ambivalência, inclusive do rosto do cristianismo que se afastou da mensagem principal de Cristo ao longo da sua história. “Até hoje, quando se lê o Antigo Testamento, este mesmo véu permanece. Ele não é retirado, pois é em Cristo que desaparece” (2 Co 3.14). Um diálogo inter-religioso proposto desse jeito é aberto, surpreendente e enriquecedor, pois o Espírito Santo

⁵ Apud Gerhard GÄDE, *Viele Religionen – Ein Wort Gottes*, Gütersloh: Chr. Kaiser/Gütersloher Verlagshaus, 1998, p. 218. Tradução minha: “Não pode ser mais um dogma a priori que Jesus seja o ponto supremo de contato entre Deus e a humanidade.”

⁶ J. V. TAYLOR, *Der Heilige Geist und sein Wirken in der Welt*, Düsseldorf, 1977, p. 198. In-Christus-sein ist eine Urbedingung menschlicher Existenz, die grundlegender ist als das Nichts-von-Christus-Wissen” (ap. G. GÄDE, op. cit., p. 340).

quer se manifestar nos dois lados, nos dois interlocutores. A pluralidade das religiões não precisa ser extinta para dar lugar a uma religião única. O Espírito Santo fez com que no dia de Pentecostes que cada um falasse em sua própria língua (At 2.6).

A graça não destrói as peculiaridades culturais e religiosas, que dão testemunho do anseio a uma comunhão vivencial com Deus que vá além de toda a compreensão e toda a experiência. Mas o Espírito quer nos livrar de um absolutismo trivialmente entendido que se fecha frente a uma solidariedade universal da humanidade e um respeito pelo outro. Esse absolutismo quer impedir que o Espírito faça o que é próprio dele: unir os homens entre si e com Deus.⁷

Foi impressionante, na avaliação participativa do COMIN em Porto Alegre (2001), escutar líderes indígenas falar a respeito do diálogo inter-religioso lendo a Bíblia à sua maneira, aplicando a mensagem cristã à sua realidade. Temos que respeitar os povos indígenas que não se sentem atraídos pelo cristianismo ou vivem a sua religião e a religião cristã, sem sincretismo, paralelamente. Podemos também nos alegrar quando um índio aceita a mensagem cristã. “O índio não pode perder sua sensibilidade indígena ao abraçar a mensagem cristã. Deverá sentir-se ainda mais radicalmente indígena e experimentar a fé cristã como uma potenciação de seu ser indígena. Este desafio parece utópico. Mas é na direção desta utopia que deve tender o caminho do evangelho na história de cada povo.”⁸ Precisamos de um novo olhar *universal* para o diálogo, um olhar entre seres humanos buscando a harmonia entre seus saberes, respeitando suas diferenças e aceitando uma contribuição mútua num contexto de complexidade e complementaridade, em sintonia com os novos paradigmas da ciência e com as necessidades urgentes de uma nova Ética.

⁷ Gerhard GÄDE, op. cit., p. 348. Tradução minha: “Die Gnade zerstört nicht die kulturellen und religiösen Eigenarten, die selbst Zeugnis geben von der Sehnsucht nach einer alles Begreifen und alle Erfahrung übersteigenden Lebensgemeinschaft mit Gott. Aber sie will sie erlösen von einer trivial verstandenen Absolutheit, die sich gegen eine universale Solidarität der ganzen Menschheitsfamilie sperrt, die Achtung vor den anderen verweigert und den Geist Gottes an seinem Ureigenen hindern will: Menschen miteinander und mit Gott zu verbinden.”

⁸ Leonardo BOFF, op. cit., p. 85.